

# Palimpsesto erótico: ecos da literatura precedente e a expressão do proibido no conto “Pílades e Orestes”, de Machado de Assis

Matheus Trevizam\*

## Resumo

Em “Pílades e Orestes”, conto inserido na coletânea machadiana de *Relíquias de casa velha* (1906), o escritor conta uma história entremeadada de ambigüidades. Trata-se de eventos ligados à complexa relação entre os protagonistas (o ex-político e rico herdeiro Quintanilha e o advogado pobre chamado Gonçalves) e que envolvem, julgamos, implícitas sugestões de homoerotismo por parte do narrador. Apesar, provavelmente, de tratar-se de um afeto desigual, com a ênfase sobretudo no sentimento de Quintanilha (e nos interesses materiais do amigo), o fato é que a relação estreita entre ambos encontra mais fáceis justificativas caso se aceite o inconfesso. Baseados, então, em pontos de coincidência temática entre ele e a lenda grega aludida no título ou o conto “A cartomante”, do próprio Machado, usamo-los como parâmetros de busca e reforço de elementos atinentes ao homoerotismo na obra analisada.

Palavras-chave: Ambigüidade; Homoerotismo; Coincidência temática; Lenda; Comparação textual.

Recentemente atentando para a opinião de outros leitores, dispomo-nos aqui a contrapor o conto machadiano “Pílades e Orestes” (*Relíquias de casa velha*, 1906) ao pano de fundo da lenda grega a que alude o título e de “A cartomante” (*Várias histórias*, 1896), como estratégia para, talvez, elucidar alguns meandros dos eventos tratados por Machado no primeiro relato aludido. Segundo posicionamento de leitura também seguido por Santos Maciel<sup>1</sup> e Luiz Ruffato,<sup>2</sup> adotaremos o pressuposto de que o mútuo silêncio a pairar sobre a

\* Texto recebido em outubro/2007 e liberado para publicação em novembro/2007.

\* Professor de Língua e Literatura Latina da Fale – UFMG (matheustrevizam2000@yahoo.com.br).

<sup>1</sup> Doravante, ao citar-se esse autor, faz-se referência ao artigo “Pílades e Orestes: a sedução das faces mudas”, publicado no número 9 da *Revista Urutágua*, da UEM (Maringá, abr./maio/jun./jul. 2006). O artigo, seguidamente publicado *on-line* em [www.urutagua.uem.br/009/09maciel.htm](http://www.urutagua.uem.br/009/09maciel.htm), não conta por esse motivo com numeração de páginas.

<sup>2</sup> Trata-se do organizador do volume *Entre nós: contos sobre a homossexualidade*, publicado pela editora Língua Geral e incluindo, além deste conto de Machado, contribuições de Lígia Fagundes Telles, Dinah Silveira de Queiroz, Caio Fernando Abreu [não pudemos ter acesso ao livro, mas trata-se de iniciativa editorial muito recente (2007)]...

relação entre Quintanilha e Gonçalves, protagonistas de “Pílades e Orestes”, aponta para implícitas sugestões de homoerotismo por parte do autor; nosso caminho de ouvi-lo nas entrelinhas, portanto, recorrerá à estratégia interpretativa de remeter-nos às duas outras situações ficcionais vistas como forma de encontrarmos pontos de apoio para leituras mais justificadas do texto que aqui estudamos.

Segundo a seqüência cronológica, portanto, do breve tratamento da lenda de Pílades e Orestes e da exposição do jogo amoroso em “A cartomante”, também inserida na produção machadiana progressiva, passar-se-á à busca de padrões coincidentes no conto homônimo daquele e à análise. Assim, a história de Pílades e Orestes, seu inseparável amigo após o refúgio juvenil na Fócida (HORNBLLOWER; SPAWFORTH, 2003, p. 1.074), remete-nos ao ciclo de mortes e destruição interno à família dos Atridas. Ocorre, como nos indica a lenda em parte significativa da produção trágica antiga (*Electra*, de Sófocles e de Eurípidés, *Orestes e Ifigênia em Táuris*, de Eurípidés...), que Orestes fora o escolhido pelos fados para vingar a morte do pai, o rei Agamêmnon de Micenas, diante da insidiosa traição conjunta da mãe (Clitemnestra) e do amante dela (Egisto).

Tem-se, com efeito, que as personagens de amantes aludidas se aproveitaram do retorno desprevenido de Agamêmnon após os longos anos da guerra de Tróia para assassiná-lo e assumir injustamente o trono deixado vago pela consumação do crime. Como único filho varão do casal de reis,<sup>3</sup> Orestes, a quem cabia em primeiro lugar o dever de purificar o trono pátrio daquela afronta, viu-se em perigo na convivência próxima com a mãe e Egisto e partiu como refugiado para a Corte de Estrófilo, pai de Pílades e seu tio, onde permaneceu até tornar a Micenas a fim de cumprir seu destino.

Segundo descrito por Sófocles na *Electra*,<sup>4</sup> Pílades, a quem o jovem Orestes praticamente se irmanara durante o tempo de exílio na Fócida, veio à pátria do primo como devotado companheiro, na hora crítica do golpe fatal contra a dupla de traidores. Introduzindo-se furtivamente no palácio com ele, de fato, Pílades tornara-se cúmplice imediato dos assassinatos de Clitemnestra e Egisto pelas mãos de Orestes.

Após o desfecho da vingança, persegue-o em seus remorsos a fúria das Eríni-as, tendo obtido em julgamento a absolvição por seu crime com o voto decisivo de Atena. De novo instigado por Apolo, porém, roubou em Táuris a estátua de Ártemis a fim de devolvê-la aos atenienses, e foi condenado com Pílades ao sacrifício a essa deusa (HORNBLLOWER; SPAWFORTH, 2003, p. 1.074). Mas esca-

<sup>3</sup> Eram irmãs de Orestes Ifigênia, Crisótemis e *Electra*.

<sup>4</sup> Cf. Sophocle. Tome I: “Ajax”, “Antigone”, “Oedipe-roi”, “*Electra*”, 1946.

pam da morte e Orestes casa-se com Hermíone, a filha de Menelau e Helena (HARVEY, 1987, p. 368); Pílates, por sua vez, casa-se com Electra. Orestes termina a vida longo, picado por uma serpente.

Os acontecimentos descritos em "A cartomante", por sua vez, guardam em vários aspectos maior semelhança imediata com o que lemos em "Pílates e Orestes". Dada a inserção no mesmo cenário da burguesia carioca da segunda metade do século XIX, assim, ambos os contos expõem-nos a triângulos amorosos de difícil solução entre personagens de algum modo acuadas pelas convenções sociais da época. No primeiro caso, portanto, Vilela e Rita, sua esposa, encontram em Camilo o ponto de desequilíbrio para a estabilidade de sua união.

Ocorre que esse, pouco mais moço que o casal (Rita contava 30 anos, ele mesmo 26 e Vilela 29), fora velho amigo de infância daquele homem e reatara relações com ele e sua mulher quando retornaram da província casados. Vilela era ex-juiz e depois advogado e Camilo funcionário público apenas por anuência à vontade materna.

Na ocasião do retorno definitivo de Vilela e Rita para a Corte, Machado descreve-nos a seguinte cena de boas-vindas:

"É o senhor? Exclamou Rita, estendendo-lhe a mão. Não imagina *como meu marido é seu amigo*; falava *sempre* do senhor." Camilo e Vilela olharam-se *com ternura*. Eram amigos deveras. Depois, Camilo confessou de si para si que a mulher do Vilela não desmentia as cartas do marido. Realmente era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa. (ASSIS, 1989, p. 17; grifo nosso)

Em seguida, de novo reatados os laços da convivência, reinicia-se intimidade antiga entre os homens e Rita, agora introduzida nesse círculo que a precedia, passa a partilhar dele sobretudo após a morte da mãe de Camilo e dos cuidados que, então, devotaram ao amigo nos planos prático (com Vilela encarregado do enterro, dos sufrágios e do inventário, como advogado que era) e emocional (com a esposa assistindo-lhe o coração). O último tipo de assistência motivou, por sinal, que Camilo e Rita se tenham feito amantes em pouco tempo:

Liam os mesmos livros, iam juntos a teatros e passeios. (...) Camilo quis sinceramente fugir, mas já não pôde. Rita, como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou atordoado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura; mas a batalha foi curta e a vitória delirante. Adeus, escrúpulos! Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé, e aí foram ambos, estrada fora, braços dados, pisando folgadoamente por cima de ervas e pedregulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quando estavam ausentes um do outro. A confiança e estima de Vilela continuavam a ser as mesmas. (ASSIS, 1989, p. 17-18)

Como é sabido dos leitores do conto, o envio da carta anônima a Camilo, patenteando-lhe o conhecimento da relação ilícita por um terceiro, acabou por afastá-lo momentaneamente e apenas por cautela da casa do amigo e de Rita, para desespero dessa. Foi a tristeza da mulher ao temer-se abandonada por desinteresse de Camilo, então, que lhe motivou a consulta a uma cartomante para inteirar-se dos motivos. Os prognósticos de felicidade da suposta sibila, por sinal, fizeram-na tornar a encontrar-se às escondidas com o desconfiado Camilo na casa de uma amiga e a comunicar a ele o ocorrido durante a curiosa entrevista.

No desfecho da história, ele recebe um chamado urgente de Vilela para ir ter consigo, mas, receoso de algum escândalo ou de algo mais grave, hesita em visitá-lo sem, ironicamente, consultar a mesma cartomante de que se rira ao ser informado do oráculo por Rita. Os supostos acertos da mulher sobre sua relação com a amada e a ausência de prognósticos sombrios para ambos, assim, fizeram com que ele se dirigisse decidido para o endereço de Vilela, onde o aguardava, além do cadáver ensangüentado de Rita, a morte pelas mãos do próprio amigo a quem traíra...

## ANÁLISE

Em “Pílades e Orestes”, talvez das mais intrigantes contribuições de Machado de Assis para nossa literatura, assistimos aos eventos que enleiam emaranhados os protagonistas. Desse modo, Quintanilha, que descobrimos ao final da história como correlato de Pílades, e Gonçalves, seu protegido e correspondente de Orestes na vida carioca do século retrasado (cf. ASSIS, 1955, v. 1, p. 138),<sup>5</sup> formam estreita união entre si. Tratava-se de uma dupla de amigos que, tendo quase a mesma idade, estudaram juntos, moraram juntos e formaram-se bacharéis em idêntica ocasião.

Dado que Quintanilha (baixo, moreno e de rosto redondo) fosse mais favorecido materialmente pela Fortuna que Gonçalves (alto, claro e de rosto comprido), dispusera-se de boa vontade a dedicar-se por inteiro ao amigo em todas as suas necessidades. De fato, herdeiro de um patrimônio que lhe garantia cerca de trinta contos de réis de renda, deixara a carreira de deputado provincial com o fim do mandato e, sem de nada mais cuidar que não de *seu* Gonçalves, viera ao Rio de Janeiro assisti-lo exclusivamente. Ei-lo, então, a jantar com o amigo, a chamá-lo para passeios, a fazer visitas com ele, a “secretariar” o trabalho jurídico

<sup>5</sup> “Orestes vive ainda, sem os remorsos do modelo grego. Pílades é agora o personagem mudo de Sófocles. Oraí por ele!”.

de Gonçalves no escritório, a remediar-lhe os esquecimentos correndo ele próprio aflito em busca do que se deixara para trás, a presenteá-lo com o que houvesse de melhor qualidade mesmo à revelia dos parentes preteridos na herança e no afeto votado ao “estranho”:

A união entre os dois era tal que uma senhora chamava-lhes “casadinhos de fresco”, e um letrado, “Píldes e Orestes”. Eles riam, naturalmente, mas o riso de Quintanilha trazia alguma coisa parecida com lágrimas: era, nos olhos, uma ternura úmida. Outra diferença é que o sentimento de Quintanilha tinha uma nota de entusiasmo, que absolutamente faltava ao de Gonçalves; mas, entusiasmo não se inventa. É claro que o segundo era mais capaz de inspirá-lo ao primeiro do que este a ele. (ASSIS, 1955, p. 128-129)

A mudança de tão próxima relação, contudo, veio sob o signo da presença feminina na vida de ambos. Assim, as visitas de Quintanilha a um dos poucos parentes com quem ainda se relacionava, o pobre João Bastos, fizeram-no enamorar-se de Camila, sua filha. Com o consentimento do pai da moça, por sinal uma prima segunda sua, Quintanilha, então, decidiu consultar Gonçalves sobre o grau de acerto da união matrimonial que pretendia firmar com ela. A desalentada reação de Gonçalves diante dos planos de Quintanilha, por sua vez (“Soltou um suspiro que, se tinha asas, ainda agora estará voando”) (ASSIS, 1955, p. 134), fê-lo refrear-se na concretização do gesto até o sonho que lhe pareceu revelador por fazê-lo (equivocadamente) intuir o suposto desejo do amigo por sua prima.

No dia seguinte a uma noite mal-dormida, pois, Quintanilha seguiu pela manhã ao escritório de Gonçalves para anunciar-lhe, sem que esse jamais esperasse, seu conhecimento do amor nutrido por Camila (?) e sua renúncia a ela em nome da amizade comum. Depois, tendo falado a Camila da perturbação causada em Gonçalves “por causa dela”, fê-la aceitá-lo de bom-grado como seu esposo e, como não quisesse ver-se herdeira universal dos bens de Quintanilha com a condição de desposar seu amigo, decidiu legar tudo de que dispunha a ele. O final da história mostra-nos o casal idealizado por Quintanilha já depois das bodas e com filhos, enquanto ele, só, morre ao ser atingido por uma bala durante a Revolta da Armada “levando doces para os afilhados” (ASSIS, 1955, p. 138), isto é, os rebentos de Gonçalves e da prima...

É importante atentar nesse conto de Machado, segundo as palavras de Santos Maciel (2006), para o fato de que, jamais se explicita de todo a natureza do sentimento a unir Quintanilha a Gonçalves como o amor erótico. Trata-se, ainda, conforme observações desse estudioso, de algo perceptível para o leitor através, imaginamos, da própria intensidade dos gestos do primeiro para com o segundo, bem como por sua espantosa variedade e pelo que entrevemos como o desabrochar de uma fortíssima ternura em algumas partes menos densas do texto. Acres-

cente-se a isso que tal devotamento talvez não pudesse ser creditado a qualquer outra forma de interesse que não a de um apaixonado na pessoa de quem ama, pois, como vimos, Gonçalves era, até certo ponto, pobre, enquanto Quintanilha, privilegiado com a herança familiar que lhe permitia viver com algum conforto de suas rendas, sequer precisava trabalhar advogando de sol a sol como o amigo...

Também se reveste de fundamental importância para compreendermos o conto a estreiteza e quase exclusividade das relações de Quintanilha com Gonçalves. Assim, os parentes do primeiro, entristecidos com não terem também sido lembrados no legado do tio que o favorecera, afastaram-se dele ou, mesmo, foram por ele rejeitados. O próprio João Bastos, por sinal, apenas voltara à amizade com Quintanilha porque esse se lembrara delicadamente de comparecer aos funerais de sua esposa, a mãe de Camila. Isso significa que, sendo Quintanilha solteiro, rico, sem relações de família próximas ou firmemente estabelecidas na confiança, a natural desembocadura de seu testamento era Gonçalves... Quando, portanto, antes do envolvimento de Camila na história de ambos, ele tornara o amigo depositário do testamento em que lhe legava a totalidade de seus bens (e que, obviamente, apenas poderia ser aberto com justiça no caso do óbito de Quintanilha ou sob suas ordens expressas), no mínimo já devia haver as suspeitas de Gonçalves quanto ao destino póstumo de, ao menos, generosa parte de toda a riqueza amealhada pelo outro...

Passando propriamente à busca de padrões narrativos da lenda de Píades e Orestes neste conto machadiano, bem como, em seguida, à daqueles de "A cartomante", cremos, em primeiro lugar, que o excerto acima transcrito da obra analisada já nos permite investigar os motivos da escolha desse título peculiar para ela. Trata-se, sobretudo, de aludir à estreiteza da união entre o par de primos de que nos fala, por exemplo, a tragédia grega clássica, com transpô-la até certo ponto para o contexto do Rio de Janeiro oitocentista: pois, pelas próprias palavras de Machado sobre o afeto entre Quintanilha e Gonçalves, vê-se que o grau do amor mútuo não era de todo equilibrado no concernente a estes.

Os relatos da lenda grega, porém, pareciam reforçar a plena reciprocidade do afeto entre os verdadeiros Píades e Orestes, a despeito de necessariamente não se tratar, naquele caso, de algo motivado pelo fundo do interesse erótico dos envolvidos. Como explicamos, Píades, de resto mais "apagado" na literatura antiga como personagem e, quase apenas justificável pela função de servir de braço-direito a Orestes em muitos lances,<sup>6</sup> era um parente próximo e irmanado àquele

<sup>6</sup> Na *Electra* de Sófocles, por sinal, Píades não emite sequer uma palavra (o mesmo se dá na *Electra* de Eurípides!), ao contrário de Orestes: é que sempre aparece silencioso em cena como, talvez, um *alter-ego* do amigo. Por outro lado, o dito machadiano transcrito acima na nota de número 5 e relativo à mudez da personagem aponta para a mesma característica de parco desenvolvimento de Píades na tragédia antiga.

a quem se unira em amizade por motivos de criação conjunta, fazendo-nos discordar da idéia do homoerotismo como algo automaticamente dado em seu afeto (e desprovido de restrições culturais no contexto em que se insere) pelo mero fato de serem gregos antigos. Com efeito, no artigo citado, Santos Maciel (2006) iniciara aludindo à difusão de que desfrutava certa vivência homoerótica específica na cultura clássica (a pederastia), por isso entendendo-a “justificada” entre os helenos: assim, em contraste com a esperada generalidade de alguns amores masculinos naquele âmbito, Machado não teria podido expressar-se com clareza ao mostrar o de Quintanilha por Gonçalves dados, sobretudo, os tabus morais de sua época.

Por outro lado, é curioso observar no cotejo com a lenda grega aludida a presença de laços familiares a enlearem mais os homens envolvidos na forte relação de amizade: como se disse, Pílates casara-se com Electra, a protetora de Orestes mesmo diante de seus planos de matricídio; ainda, não se devendo esquecer de que Pílates e Electra eram também primos, reforça-se muito a idéia latente do fechamento do círculo das pessoas de fato próximas e fiéis a Orestes através desse casamento que une seu mais querido amigo (além de parente) à irmã dileta.

Na Electra de Sófocles, por sinal, a protagonista, em duro contraste com o conformismo de Crisótemis e a perfídia de Clitemnestra, é a única parenta mulher de Orestes a chorar comovida diante da equivocada morte do herói e, obviamente, a apoiá-lo até o fim no cumprimento dos terríveis desígnios de Apolo. Era como se Ifigênia, a terceira irmã, não mais vivesse então,<sup>7</sup> pois fora supostamente sacrificada por Agamêmnon a fim de se obterem bons ventos para os navios na partida da esquadra grega contra os troianos...

Sem, em absoluto, propor a imediata “colagem” de todos os aspectos da lenda grega nos pressupostos básicos da narrativa machadiana em questão, fazemos, no entanto, atentar para a presença de algo semelhante na obra oitocentista. Naquele contexto, pois, Gonçalves também se casara com uma parenta de Quintanilha, ou seja, com Camila, que era sua prima segunda; embora, segundo a proposição citada de Machado de aproximar textualmente o primeiro membro da dupla de companheiros de Orestes e o segundo de Pílates,<sup>8</sup> tenha-se no conto que foi o amigo do herói e não o próprio herói aquele a ceder a moça em casamento ao outro, parece-nos no mínimo viável continuar a entender o que se vê aqui em sua face de definitiva selagem de laços já muito sólidos entre os maiores envolvidos.

<sup>7</sup> Mas, segundo contado por Eurípides na *Ifigênia em Táuris*, ela se tornara, na verdade, a salvadora de Pílates e Orestes depois de liberta da morte por Ártemis (HARVEY, 1987, p. 285).

<sup>8</sup> Cf. *supra* nota 5.

Para o ponto de análise que aqui nos interessa, isto é, a presença sutil do homoerotismo no conto machadiano, esse tema se reveste de importantes desdobramentos. Em primeiro lugar, dadas as características de uma sociedade como aquela em que se desenrola o conto (patriarcal, por séculos marcada pelo cunho repressor da religião, passível de enquadramento de indivíduos “desajustados” no quadro institucionalizado das patologias psíquicas, favorecedora da ascensão ou queda dos homens conforme sua adaptabilidade a padrões visíveis de conduta...), claro está que um afeto tão próximo e excludente entre dois homens não poderia para sempre passar impune diante dos olhares de todos (MACIEL, 2006). O denominá-los “casadinhos de fresco” (ASSIS, 1955, p. 128), por sinal, constitui evidente indício do “policiamento” social das relações “cabíveis” pela boca da senhora responsável por fazê-lo com alguma ponta de sarcasmo.

Desse modo, decerto cientes das regras de punição em jogo no tabuleiro social onde se moviam, Quintanilha e Gonçalves buscavam, segundo observação de Santos Maciel (2006), alguns acertos para vivenciar a indizível situação em que se viam, mas que, simultaneamente, trazia-lhes de um modo ou de outro compensações de ordem variada (com a ênfase dos benefícios afetivos no caso do primeiro e materiais no segundo) e interessava ser mantida. Aos leitores do conto machadiano, inclusive, não passa despercebido o conselho prematuro do próprio Quintanilha ao amigo no sentido de fazê-lo casar-se, pois “um advogado precisa casar”.

Ora, conscientemente ou não, observamos que a desistência de Quintanilha de unir-se em matrimônio com Camila em favor do amigo (que, aliás, foi de todo pego de surpresa pela história!) aponta para uma parcial resolução do conflito. De um modo ao mesmo tempo capaz de corresponder às expectativas sociais para, pelo menos, um dos envolvidos na “estranha” amizade e evitar que Gonçalves, tão dileto a si, desaparecesse por inteiro do campo de visão, notamos que essa “renúncia” de Quintanilha significou-lhe uma forma possível de perenizar os elos com o companheiro sem o desafio frontal aos valores vigentes. Gonçalves, por sua vez, como homem de condições modestas que dependia de seu trabalho para sobreviver, não podia entregar-se de corpo e alma a um relacionamento condenável aos olhos dos contemporâneos sem riscos de ver barradas por inteiro suas chances de promover-se socialmente: assim, aceitar-se protegido por Quintanilha, mas sem demasiada intimidade, e desposar-lhe a prima deve-se-lhe ter afigurado uma saída cômoda para o impasse.

A tessitura do conto, de maneira confirmadora da relativa cautela de ambos os envolvidos, deixa entrever em vários pontos a hesitação de Gonçalves diante do intenso ímpeto afetivo de Quintanilha. Logo à abertura da história, pois, lemos as seguintes linhas:

Um desses, ao vê-lo ligado com o antigo companheiro de estudos, bradava por toda a parte: “Aí está, deixa os parentes para se meter com estranhos; há de ver o fim que leva”. Ao saber disto, Quintanilha correu a contá-lo a Gonçalves, indignado. Gonçalves sorriu, chamou-lhe tolo e aquietou-lhe o ânimo; não valia a pena irritar-se por ditinhos. “Uma só coisa desejo, continuou, é que nos separemos, para que se não diga...”. “Que se não diga o quê? É boa! Tinha que ver, se eu passava a escolher as minhas amizades conforme o capricho de alguns peraltas sem vergonha!”. (ASSIS, 1955, p. 124-125)

O episódio da rejeição da pintura que os mostrava juntos, enfim, nada mais parece demonstrar-nos que a confirmação dos receios de Gonçalves quanto a quaisquer provas demasiado concretas do elo tácito a uni-los. De fato, tendo sido efusivamente encomendado por Quintanilha na volta de ambos de um passeio a Petrópolis, o retrato comum causara tamanha irritação a Gonçalves que esse, chamando a pintura de “porcaria” e o amigo de “ignorante” por ter-se contentado com ela, acabou por fazer com que rasgasse a tela em pedaços e injuriasse verbalmente o pintor (MACIEL, 2006).

A vinda da prima para o triângulo amoroso, parece, assumiu o caráter providencial de fazer diminuir as suspeitas e cessar os sobressaltos, em especial os do contido Gonçalves. E, à semelhança da lenda grega, foi, para Píldes/Quintanilha, antes diversificação de nexos com o outro do que fator de sua ruptura...

Quanto à estrutura de “A cartomante”, embora em nenhum momento de “Píldes e Orestes” se façam, à diferença do que temos para o outro relato que tomamos como parâmetro de comparação, explícitas menções a ela, julgamos possível também contrapô-la a fim de tirar algumas conclusões. Como os dois contos integram o *corpus* machadiano, por que não ver no que tenham de comum o sinal da sucessiva reelaboração de motivos na obra do autor? E, nesse caminho cronológico de maturidade artística, um esforço de variar as faces da sutileza?

Se não for ousado demais propô-lo, de início imaginamos o casal Rita/Vilela (“A cartomante”) um “ancestral” da dupla Quintanilha/Gonçalves: ocorria, antes da chegada dos “intrusos” respectivamente identificados com Camilo e Camila, que os círculos afetivos assim constituídos mantivessem no mínimo razoável equilíbrio interno, a ponto, nos melhores casos, de chegarem a propiciar prazer aos envolvidos (caso típico de Quintanilha, obstinado em manter-se próximo de Gonçalves mesmo a despeito dos parentes e dos comentários maldosos de muitos). E, se o “estrage” causado com a efetiva constituição dos triângulos foi maior em “A cartomante”, tendo, como sabemos, culminado na morte violenta de dois dos envolvidos, não deixa de ser real que o fator de alterar profundamente a vida dos primeiros enleados era algo sempre operante para ambos.

Por outro lado, sabemos pela letra do texto que Gonçalves de fato nunca amara Camila e que devia haver algo de interesse material em sua tolerância à insis-

tente presença do amigo, mas, no fim das contas, quem vem constituir união socialmente aceita com uma mulher é ele, à semelhança do que tínhamos para Vilela e Rita. Aquele casal, unido segundo as regras tradicionais do estabelecimento de vínculos de convivência entre parceiros, observe-se, antes seguia o convencionalismo das relações humanas “normais” do que se rendia ao arrebatamento dos afetos como justificativa para manter-se junto. Isso aponta para uma espécie de inversão da ordem na passagem do contexto de “A cartomante” para o de “Pílades e Orestes”, pois o que estava na raiz de um dos triângulos (um casal de marido e mulher matrimonialmente unido) foi a inesperada desembocadura do outro...

Se, porém, atentarmos para as entrelinhas do primeiro conto de Machado, sobretudo nas ambigüidades despertadas com o tom da fala de Rita a Camilo recém-encontrado e em certa expressão utilizada de leve pelo narrador, ver-nos-emos, de novo, aproximados do padrão temporal homoerótico, ou seja, similarmente à trama de “Pílades e Orestes”, afim ao entendimento *da* mulher como a terceira a chegar. De fato, tornando ao primeiro excerto de “A cartomante” citado acima, víamos ali a mulher exaltar a medida do afeto sentido pelo marido em relação a Camilo [“falava *sempre* (grifo nosso) do senhor”], bem como um pormenor no mínimo curioso [Camilo e Vilela olharam-se *com ternura* (grifo nosso)], advindo da astuta fala narrativa machadiana.

Portanto, caso nos lembremos da longa duração da amizade entre Camilo e Vilela (na verdade, advinda da infância), da face em grande parte misteriosa dos sentimentos do segundo para com o outro, do detalhe da ternura no olhar de ambos ao se reverem depois de algum tempo, da insistência desse ao falar daquele com saudades e, por fim, da violenta reação do marido e amigo traído (ter-lhe-ia, talvez, doído mais o conluio que o excluía por serem “inusitadamente” fortes seus afetos para com o traidor?) teremos indícios passíveis, ao menos, de levantar suspeitas. Sendo, como no caso de Gonçalves, talvez menores as indicações passíveis de despertar semelhante entendimento da ternura de Camilo para com Vilela, a concessão de algum crédito à hipótese da natureza no mínimo ambígua do afeto do outro abrir-nos-ia ainda uma chance para divisarmos nos dois “amados” a coincidência da mais fraca intensidade da chama amorosa.

Pelo que se nota em nossas tentativas de relacionar os amores de “A cartomante” aos de “Pílades e Orestes”, a mudança das perspectivas adotadas para estabelecer correspondências precisas resulta em respostas diversas a cada ensaio. Apenas para retomar em outras palavras e de modo ordenador o que já dissemos a esse respeito, assim, o olhar mais despido de categorias classificatórias veria em ambos os pares declarados (Vilela/Rita, Gonçalves/Quintanilha) e anteriores à “investida” alheia (de Camilo e Camila) o sustentáculo básico de

quaisquer proposições comparativas. Note-se, inclusive, que o fato de haver dois explícitos relacionamentos heterossexuais em “A cartomante”, com apenas vaga suspeita de afetos homoeróticos em desequilíbrio entre os protagonistas masculinos, como vimos, não exclui, em absoluto, essa possibilidade dos horizontes interpretativos cabíveis para o conto, favorecendo-nos, assim, ver nela uma espécie de germe da intriga mais bem trabalhada no conto seguinte.

Em seguida, caso se tome o estado civil das personagens como critério para estudá-las de forma comparada, chegar-se-á ao ponto de ver *outsiders* em Quintanilha e Camilo, com a conseqüente aproximação do par Vilela/Rita de Gonçalves/Camila. Apesar, à primeira vista, de pouco haver de rendoso numa análise conduzida segundo tais parâmetros para nosso presente tema de estudo, acrescentamos à idéia vista da mudança do fluxo (des)estruturador de elos matrimoniais efetivos (havendo, ao final de “A cartomante” a plena dissolução de um casamento e em “Pílades e Orestes” o fazer de outro) como característica dinamicamente adquirida pelos textos quando comparados assim a de que os “excluídos”, sem levarmos em conta o grau de seus supostos afetos para com os outros homens, sempre se mantiveram, a nosso ver, como espécie de “sombra” ameaçadora da cerrada bipolaridade entre masculino e feminino na relação alheia. Não importando, pois, se Camilo, como de fato temos a impressão, aparenta nos gestos um lado heterossexual mais forte que o de Quintanilha e esse ainda fez por unir o “amado” à prima, entrevê-se a qual custo emotivo, em aberto estão as chances para divisá-los em seus distintos celibatos, como, invariavelmente, membros estranhos a pares em que os amores obedeceram por inteiro às convenções sociais.

A última abordagem adotada nesse exercício de rastreamento de traços prévios, por sua vez (segundo a qual também em “A cartomante” a figura de Rita teria sido a derradeira a infiltrar-se perigosamente nos amores de outros), pressupõe a hipótese do enraizamento de algum afeto homoerótico entre Camilo e Vilela quando o último ainda não a tinha conhecido. Embora, evidentemente, não o possamos provar apenas com base nos elementos lingüísticos postos em evidência na primeira citação do conto, isso não nos parece, de modo algum, absurdo: Machado falara em antigos laços de intimidade fortes o bastante para, a despeito da ausência de Vilela da Corte, motivarem o próximo e imediato reatamento na volta.

Sob outro aspecto, ainda, faz-se útil perceber que ambas as histórias sempre propõem triângulos nos quais há dois homens e uma mulher e que, no limite, seria mesmo possível lê-las de forma a alterar o viés de leitura antes seguido. Dito diversamente, nossa busca de padrões comuns entre um e outro conto também se apóia, além de na distribuição paralela dos envolvidos quanto ao sexo, em uma

ambigüidade de leitura capaz de englobá-la de modo a produzir sentidos. Assim, lendo “condicionados” os dois relatos, nada mais parecemos ver exceto uma figura feminina “disputada” por dois varões; evidentemente, no caso de Quintanilha, o qual imaginara os desejos de Gonçalves por Camila após um sonho que muito o impressionara, não houve disputa exceto em sua imaginação, mas, de algum modo, o papel de uma suposta concorrência pela posse da mesma mulher entre si e seu melhor amigo tivera participação de peso na trama, a ponto de precipitar, como sabemos, as bodas repentinas dos outros.

Isso nos faz entender o triângulo expresso em “Pílades e Orestes” como correlato aproximado do de “A Cartomante” não só porque, vistos com a ressalva dita, sempre apontam para uma suposta convergência do interesse de dois homens em uma só mulher, mas, também, pelo fato de essa situação ser tão banal na literatura de todos os tempos e culturas: de fato, vasculhando em nossa memória a galeria de heróis e heroínas, sem muito esforço descobriríamos entre eles várias personagens envolvidas, por exemplo, em lances adúlterinos heterossexuais (uma Madame Bovary, uma Ana Karenina, uma Luísa ou um Basílio da obra de Eça de Queirós...). Ora, embora seja aqui necessário adentrar a mente e aderir ao entendimento equivocado de um Quintanilha sobre o papel de Camila na vida do amigo antes de sua união com ela para que se faça sustentável uma leitura como a que desejamos propor, ou seja, a das chances do despistamento do homoerotismo pela complexa arte machadiana, há como imaginá-la possível num plano de consideração mais flexibilizado...

Segundo essa forma de ler os contos em simbiose, portanto, o suposto (ou falso) amor de Gonçalves por Camila contribuiria para torná-lo, aos olhos de Quintanilha e, provisoriamente, dos nossos, membro de par amoroso heterossexual por sua própria vontade, ou seja, tão desejoso de mulheres quanto Camilo se mostrara de Rita.<sup>9</sup> Está-se a ver que, tendo os amores de ambos os casais assim formados (pois os integravam sempre um homem e uma mulher) minimizado, internamente a cada par, as suspeitas de homoerotismo, os eventos paralelos do ódio de Vilela e da renúncia de Quintanilha também poderiam, por outro lado, receber outras conotações. De fato, a adotar-se tal via de leitura, Vilela poderia sustentar a máscara da heterossexualidade por ter-se, a princípio, apenas ofendi-

<sup>9</sup> Embora, obviamente, Gonçalves não precisasse de fato amar Camila para ser ou não heterossexual e, como se intui, tenha talvez aceitado casar-se com ela sobretudo movido por conveniências, adotar o ponto de vista de Quintanilha, como fizemos, ajuda-nos de algum modo a relativizar os supostos afetos homossexuais de todos. De fato, eles pareciam mais patentes em Quintanilha e não de todo descartáveis em Gonçalves, mas ver o último como “desinteressado” no amor dos homens por amor às mulheres (ou ao dinheiro) possibilitaria, num extremo, excluir ao menos um do círculo afetivo homoerótico e, quanto ao amigo, propor-lhe o prosseguimento na mesma via por motivos de “harmonização” dos impulsos entre ambos.

do com a perda da posse da mulher amada, enquanto Quintanilha, ansioso por unir a prima (que, aliás, explicitamente amava) ao outro teria, talvez, antes feito prevalecer a “amizade” a Gonçalves do que a paixão a ela; em que pese, ainda, à continuidade da “estranheza” de um afeto tão poderoso ao outro, tratar-se-ia, cogitamos, de algo indicativo da preponderância, na escala de valores interna a Quintanilha, do tempo de amizade a quem se irmanara “desinteressadamente”, não do amor recente à mulher e posterior a toda a longa relação de confiança com Gonçalves. Um Quintanilha heterossexual “com exclusividade”, portanto, seria um homem apenas desdobrado em infindáveis demonstrações de afeto para com o amigo por de fato querê-lo bem (mas não eroticamente) e ser, por uma característica natural de sua pessoa, muito espontâneo com aqueles que lhe chegassem, ao menos, a dedicar algum tipo de atenção, mesmo que um tanto evasiva, como no caso da de Gonçalves...

Os labirintos da pintura machadiana de personagens chegam a ser tão desorientadores, por sinal, que o próprio narrador descrevera Quintanilha como alguém muito bem disposto para com *todos*, bastando que lhe dessem alguma pequena familiaridade:

Em verdade, Quintanilha era mui sensível a qualquer distinção; uma palavra, um olhar bastava a acender-lhe o cérebro. Uma pancadinha no ombro ou no ventre, com o fim de aprová-lo ou só acentuar a intimidade, era para derretê-lo de prazer. Contava o gesto e as circunstâncias durante dois e três dias. (ASSIS, 1955, p. 129)

Seja como for, os motivos que pretendemos arrolar através da busca de padrões “pregressos” na lenda de Píades e Orestes e no conto “A cartomante”, sobretudo atinentes à continuidade de uma fortíssima relação e do estreitamento matrimonial de elos, no primeiro caso, e a todos os fatores citados e reiterados acima no sentido de uma leitura homoerótica, no segundo, parecem-nos ao menos bastar para a manutenção da dúvida no texto de que tratamos. Desse modo, embora não se pretenda aqui, como demonstrou a própria operação sucessiva de “montagem” e “desmontagem” da leitura homoerótica, unidirecionar as profundezas abissais desse conto, o apoio em situações imaginárias anteriores, marcadas pelas chances de grande proximidade entre indivíduos do mesmo sexo e que, ao menos, poderiam ter imprimido alguma marca (ou prestar-se a via analítica instigante) em “Píades e Orestes” propicia divisar o proibido em suas linhas.

## Abstract

In "Pílades e Orestes", short-story included in Machado de Assis' *Relíquias de casa velha* (1906), the writer composes a tale entangled with ambiguities. It is about events related to a complex relationship between the protagonists (Quintanilha, a former politician and rich heir, and the one called Gonçalves, who was a poor lawyer), which we consider to imply implicit suggestions of homoeroticism as the narrator is concerned. Despite the probable existence of different degrees of affection, with a stronger emphasis in Quintanilha's feelings (and in the material calculations of his friend), it is real that their living together finds easier explanation if we recognize what they do not confess. This way, based on points of thematic coincidence between it and the Greek legend alluded in the title or "A cartomante", a short-story of Machado himself, we employ them as parameters for searching and reinforcing elements related to the homoeroticism in the work mainly considered.

Key words: Ambiguity; Homoeroticism; Thematic confluence; Legend; Literary comparison.

## Referências

HARVEY, Sir Paul (compilador). *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina*. Tradução Mário da Gama Cury. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

HORNBLOWER, S.; SPAWFORTH, A. *The Oxford classical dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

ASSIS, José Maria Machado de. A cartomante. In: \_\_\_\_\_. *Várias histórias*. Rio de Janeiro/ Belo Horizonte: Garnier, 1989.

ASSIS, José Maria Machado de. Pílades e Orestes. In: \_\_\_\_\_. *Relíquias de Casa Velha*. Rio de Janeiro/ São Paulo/ Porto Alegre: Jackson, 1955. v. 1.

MACIEL, Jessé dos Santos. Pílades e Orestes: a sedução das faces mudas. In: *Revista Urutágua*, Maringá, n. 9, abr./ maio/ jun./ jul. 2006 (disponível *on-line* em [www.urutagua.uem.br/009/09maciel.htm](http://www.urutagua.uem.br/009/09maciel.htm). Acesso em 15 de fevereiro de 2008).

SOPHOCLE. *Tome I: "Ájax", "Antígone", "Oedipe-roi", "Electra"*. Paris: Les Belles Lettres, 1947.